



Filosofia como ciência ou cultura pós-filosófica: as contendas entre o pragmatismo e o neopragmatismo

Philosophy as a science or post-philosophical culture: the strife between pragmatism and neo-pragmatism

Edna Magalhães do Nascimento

Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), professora da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina, PI - Brasil, e-mail: magaledna@yahoo.com.br

Resumo

Com a publicação da obra *Philosophy and the mirror of nature* ("Filosofia e o espelho da natureza") Rorty passa a ser criticado pelos intérpretes do pragmatismo clássico e comentaristas de John Dewey. Esses críticos consideram que, enquanto o pragmatismo clássico é uma tentativa de entender e criar uma estrutura nova que legitime a investigação científica, o pragmatismo de Rorty se afirma como um abandono da própria tentativa de aprender mais sobre a natureza e sobre as condições de adequação da investigação. Dewey nunca virou totalmente as costas à metafísica, presente particularmente em *Experience and Nature*. Contudo, Rorty pretende encontrar em Dewey uma antecipação de sua própria visão de filosofia. Dessa maneira, deliberadamente, Rorty separa o Dewey "bom" do "mau" e considera inadequada a publicação de livro de Dewey *Experience and Nature*. Neste artigo, vamos nos concentrar nas críticas formuladas por Thelma Lavine, James Gouinlock e David Hall sobre

a pertinência de falarmos em continuidade do pragmatismo no neopragmatismo de Rorty. Essa escolha teve como critério a maneira como esses autores se esforçam para recuperar a originalidade do pensamento do pragmatista pioneiro, não aceitando, sobretudo, uma interpretação que não reconheça na obra dele uma dimensão simultaneamente metafísica e epistêmica. Por fim, apresentamos nossa interpretação, que consiste em considerar que o Dewey de Rorty não é uma boa hipótese porque nega a dimensão cientista do pragmatista clássico e superdimensiona seu historicismo, deixando de considerar que o pragmatismo deweyano tem uma dimensão historicista e cientista ao mesmo tempo, e sua metafísica é distinta das metafísicas clássicas.

Palavras-chave: Rorty. Dewey. Críticos. Pragmatismo. Neopragmatismo.

Abstract

With the publication of the work of Rorty's Philosophy and the mirror of nature in which the author presents his interpretation of the pioneer pragmatist, he becomes severely criticized by commentators Dewey. These critics argue that while classical pragmatism is an attempt to understand and create a new structure that legitimizes scientific research, pragmatism Rorty asserts itself as an abandonment of the very attempt to learn more about nature and the conditions of suitability investigation. Dewey never fully turned his back to metaphysics, which is particularly present in Experience and nature. However, Rorty wants to find Dewey in an anticipation of his own view of philosophy. Thus, deliberately separates Rorty Dewey "good" from "bad" and considers it inappropriate to publish book of Dewey's Experience and nature. In this article we focus on the criticisms made by Thelma Lavine, James and David Hall Gouinlock on the appropriateness of continuing talk of pragmatism in Rorty's neo-pragmatism. This choice was to test how these authors strive to recover the originality of thought Pioneer pragmatist, not accepting, especially an interpretation that does not recognize his work in one dimension simultaneously metaphysical and epistemic. Finally, I present our interpretation which considers the Dewey Rorty is not a good assumption because it denies scientist dimension of classic pragmatist and exaggerating his historicism while neglecting to consider that Dewey's pragmatism has a historicist dimension and a scientist at the same time and his metaphysics is distinct from the classical metaphysical.

Keywords: Rorty. Dewey. Critics. Pragmatism. Neo-pragmatism.

Introdução

Com a publicação de *Philosophy and the Mirror of Nature* (“Filosofia e os Espelho da Natureza”) em 1979, livro no qual Rorty apresenta sua crítica à tradição filosófica e sua apresentação de filósofos que inauguraram “novos mapas do terreno” em termos de superação da filosofia do mentalismo, ele começou a receber críticas de comentaristas de Dewey e de estudiosos do pragmatismo, que procuram mostrar que Rorty está errado ao afirmar a continuidade entre sua filosofia e o pragmatismo clássico¹.

Susan Haack (1995, p. 41), por exemplo, diz que enquanto o pragmatismo clássico é uma tentativa de entender e criar uma estrutura nova que legitime a investigação científica, o pragmatismo de Rorty se afirma como um abandono da própria tentativa de aprender mais sobre a natureza e as condições de adequação da investigação. Malachowski (2002) afirma que os críticos da apropriação de Rorty reconhecem que Dewey nunca se afastou da metafísica, ela está presente particularmente em *Experience and Nature*, constituindo um ponto de convergência para muitos pensadores pragmatistas.

A sugestão de Ramberg (2001), partilhada por outros críticos, é que Rorty pretende encontrar em Dewey uma antecipação de sua própria visão de filosofia, como ideia que dá suporte às ciências políticas. O fato de ele ler Dewey dessa maneira, permitem que o acusem de, deliberadamente, separar o Dewey “bom” do Dewey “mau”. Assim, Rorty é crítico do que ele considera a recaída de Dewey na metafísica na obra *Experience and Nature* e, por isso, também não aceita a tentativa de reconstrução do pensamento científico presente em *Lógica: Teoria da Investigação*. David Hall (1994), do mesmo modo, considera que Rorty quer o contraste entre o Dewey “mau” de *Experience and Nature* com o Dewey “bom” do *The Quest for Certainty* e do *Arts as Experience*.

¹ Muitos estudiosos se opõem à maneira pela qual Rorty se apropria da filosofia de Dewey. Intérpretes do pragmatismo americano clássico, como Tomas M. Alexandre (1980), James Campbell (1984), Ralph Sleeper (1986), David Hall (1994), Susan Haack (1995) Telma Lavine (1995), James Gouinlock (1995), Bjorn Ramberg (2001) e Alan Malachowski (2002), dentre outros, opõem-se à interpretação rortyana de Dewey. HAACK, Susan. *Vulgar Pragmatism: An Unedifying prospect*. In: *Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics*, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995.

Considerando que o número de autores que avaliam criticamente as ideias de Rorty é muito grande, restringiremos a discussão às interpretações de Lavine, Gouinlock e Hall. Essa escolha se justifica porque são exemplos de autores que discutem explicitamente a apropriação rortyana de Dewey. Eles se esforçam para recuperar a originalidade do pensamento do pragmatista pioneiro, não aceitando, sobretudo, uma interpretação que não reconheça na obra dele uma dimensão simultaneamente metafísica e epistêmica.

Rorty por Thelma Lavine

Para Thelma Lavine (1995) o “método científico” é o conceito central de obra de Dewey, sendo possível dizer que seu objetivo é mais a reforma da metafísica do que sua eliminação. Com isso, o fato de Dewey se queixar da fixidez dos processos ou do absoluto em termos filosóficos não é razão para negar o conhecimento ou considerá-lo “repugnante”. O problema é que a discussão do método científico proposto por Dewey se articula às demandas sociais e tem como pano de fundo o gozo e os benefícios de tais produtos para a humanidade. É nesse espaço, conforme Lavine, que Dewey se distancia das pretensões do seu seguidor Rorty. Essa intérprete da filosofia americana descreve Rorty “na condição de filho, soberbamente equipado com uma energia vigorosa, pós-moderna, no gozo de deslocar o filósofo pai em benefício de sua teoria” (LAVINE, 1995, p. 42).

De acordo com Lavine (1995), Richard Rorty não deixa de ter alguma razão ao se anunciar um deweyano. Ao apresentar uma visão historicista das filosofias, enquanto construídas em contextos históricos determinados e em resposta a condições específicas de mudança, e ao concluir que a filosofia não tem a pretensão de fornecer um fundamento último para o conhecimento. Com efeito, Dewey está seguindo a trilha de Hegel, Darwin e Spencer, que são defensores da mudança. É Dewey que leva seus leitores a verem a investigação num novo viés hegeliano, como algo que existe a partir de uma qualidade indeterminada e não unificada numa situação. A função hegeliana da

investigação é produzir uma resolução, converter, reconciliar, transformar os elementos da situação original em um todo unificado. A situação problemática apresenta um modelo para a investigação que não permite finalidades nem absolutos, mas apenas hipóteses que mudam à medida que as novas situações apresentem novos materiais para serem resolvidos. É um modelo que relativiza todos os elementos em direção à situação particular e, portanto, não permite universais nem princípios gerais, nem certezas teóricas (LAVINE, 1995, p. 42-43). Com isso, Dewey vai minando os absolutismos e as alegações fundacionistas em todos os domínios da filosofia.

Mas Rorty, na condição de filho edipiano e historicista, pretende atacar o pai a partir da filosofia da linguagem do segundo Wittgenstein e sua noção *jogos de linguagem* ligados a uma pluralidade de *formas de vida*. E avança um passo a mais, com a ajuda do filósofo linguístico Donald Davidson, para quem a linguagem deve ser vista como ferramenta que nos ajuda a lidar com situações determinadas em ocasiões determinadas. A linguagem não é um meio de representar ou expressar alguma coisa e não há nenhum critério neutro pelo qual um vocabulário possa ser preferido em detrimento de outro (LAVINE, 1995, p. 44).

Ao reduzir o método científico, o conhecimento e a tecnologia a um dos múltiplos vocabulários que lidam com situações contingentes sem representar coisa alguma a não ser essa mesma contingência, Rorty desfere um golpe fatal em seu pai filósofo, para quem o método científico é um conceito central. Dewey compreende o método científico como o padrão de investigação finalmente formulado e elaborado em *Logic: The Theory of Inquiry* ("Lógica: Teoria da Investigação"). Esse padrão de investigação não é apenas o método para toda investigação, mas é também o procedimento deweyano para testes científicos por meio de previsão válida ou de falsificação, é o realismo de Dewey, é sua teoria do conhecimento como correspondência. O que ele quer é um método de investigação como intervenção reflexiva por meio da ação sobre o complexo problemático de eventos, em que a intervenção seja testada por seus resultados. Lavine acredita que, com isso, Dewey rompe com o historicismo radical e o linguisticismo (LAVINE, 1995, p. 44).

Dewey era um entusiasta do Iluminismo em relação aos avanços do conhecimento científico e tecnológico, que ele valorizava em virtude de seu potencial para melhorar a vida humana. Dewey, conforme Lavine, veria os frutos da Modernidade científica não como mudanças de *vocabulários*, mas como mudanças em nossa capacidade de realizar transações previsíveis com o mundo natural. Mesmo entendidos como *vocabulários*, esses desenvolvimentos são altamente prioritários nas suas capacidades de previsão. Apesar da onipresença do historicismo em Dewey, nem a ciência nem a democracia se dissolvem nesse processo. Embora elas sejam processos que ajudam a criticar, controlar e aperfeiçoar o processo, elas não são dissolvidas por ele.

O mesmo padrão operativo de investigação que utilizamos em ciência, buscando uma solução testável para uma situação problemática de tipo hegeliano, é também operativo no processo democrático. Com isso, a pesquisa pode evitar as disputas ideológicas e dificuldades conexas, dando a cada ponto de vista uma voz no processo quase que de tentativa e erro do debate, até que uma solução na forma de consenso seja obtida. Assim, a conclusão tanto o procedimento científico quanto o democrático são experimentais na concepção de Dewey, estão ligados à ação e à mudança. James Gouinlock, citado por Lavine, diz que a ciência e a democracia compartilham não apenas o mesmo padrão de investigação, o “método da inteligência”, mas também as mesmas virtudes morais: uma disposição para questionar, para procurar clareza e evidência, para ouvir e respeitar as opiniões dos outros, para considerar alternativas de forma imparcial, para mudar de ponto de vista em virtude da investigação e da comunicação.

Dessa maneira, podemos dizer que Dewey persegue os princípios da Modernidade ao associar o historicismo ao cientismo. Através desses processos, podemos identificar as estruturas que constituem a moldura dessa mesma modernidade. Mais do que qualquer outro filósofo americano, Dewey percebe o conflito, no interior do quadro da modernidade, entre a tradição do Iluminismo que deriva de Locke e Newton e a tradição romântica do Contra-Iluminismo (*Counter-Enlightenment romantic tradition*) que deriva de Rousseau e dos poetas e

filósofos idealistas. Cada uma dessas estruturas em conflito possui seu próprio estilo de pensamento.

O estilo de pensamento iluminista inclui um modelo de razão universal como fonte da verdade científica e política. Esse pensamento inclui também os direitos inalienáveis do indivíduo, o governo pelo consentimento dos governados, o império da lei e a igualdade perante ela, a libertação, por meio da razão, do mito, do dogma e do preconceito, bem como a manutenção de uma sociedade civil social e economicamente livre. O estilo de pensamento do Contra-Iluminismo está em oposição à razão abstrata, defendendo um maior significado do espírito humano, da imaginação e da vontade. Ele está também em oposição à ciência objetiva, afirmando que o caminho para a verdade reside na subjetividade, nas artes e na cultura. Opõe-se igualmente à autonomia política do indivíduo e da democracia dos direitos naturais, afirmando que a política se baseia no grupo e é sustentada pelo estatismo, seja de direita ou de esquerda. Em oposição aos interesses do indivíduo, afirma a primazia da comunidade. A preocupação do Contra-Iluminismo é com as vítimas da sociedade e da modernização iluministas: os marginalizados, os oprimidos, os mártires, os pobres, as minorias, os rebeldes, os revolucionários (LAVINE, 1995, p. 46).

Podemos identificar que Dewey percebeu o confronto que constituiu a moldura da Modernidade por meio de seu esforço para sintetizar os dois modos cognitivos: Iluminismo e Contra-Iluminismo. Seu esforço de integração reflete o drama social e intelectual, em resposta ao qual a filosofia americana clássica surgiu. As convulsões sociais e políticas nas décadas após a guerra civil foram amplamente vistas como o produto da corrupção econômica e política, garantidas pela Declaração de Direitos e pela Constituição. Lavine (1995, p. 46-47) pontua:

Dewey's own philosophic quest led from his Vermont Congregationalism to Hegel and to the interpretive mode of Romantic Counter-Enlightenment. His long philosophic career can be seen as an attempt to interpret and appropriate these conflicting modes of modernity. As I have elsewhere tried to show, his crucial philosophical constructions follow the pattern of his theory of inquiry, combining elements

from Enlightenment scientific procedures and Romantic Counter-Enlightenment Romantic and Hegelian themes².

Está implícito na filosofia de Dewey o postulado de que a reflexão filosófica nos dias de hoje não pode escapar da normatividade dos paradigmas conflitantes do Iluminismo e do Contra-Iluminismo. Nem mesmo Richard Rorty escapa da dialética da Modernidade. Sua receita para uma cultura liberal pós-moderna e sua separação entre a vida pública a vida privada constitui evidência de que não podemos escapar da dialética da cultura da Modernidade, apesar dos protestos de que a contestação da Modernidade deve ser considerada vocabulário não fundacionista e contingente (LAVINE, 1995, p. 47).

De acordo com Lavine, afirmar que a mudança se dá na forma de um sensismo radical pré-hegeliano, como faz Hume, na forma de uma cosmologia radical de processos, como faz Bentley, ou na forma de um linguisticismo radical de processos, como faz Rorty, é deixar-nos sem a possibilidade do conhecimento. Embora Dewey e Rorty empreguem o historicismo hegeliano-romântico, o historicismo de Dewey está ligado a uma explicação naturalista do organismo e do ambiente em processo de interação, fornecendo assim a possibilidade do conhecimento por meio do teste de soluções propostas para as situações problemáticas. O historicismo de Rorty está ligado a uma radicalização dos jogos de linguagem de Wittgenstein como contingências ligadas às circunstâncias particulares, às quais falta a capacidade de representar a realidade, e assim não oferecem a possibilidade de conhecimento. Ele se junta ao desconstrutivista Derrida e ao pós-moderno Lyotard, repudiando todo o conjunto de categorias iluministas, representado pelo método científico, pelo conhecimento objetivo, pela verdade testável e válida e pela universalidade (LAVINE, 1995, p. 47-48).

Conforme Lavine, a geração que, depois de Bentley e Dewey, atende ao apelo de Wittgenstein e Rorty em relação à desconstrução

² Tradução: "A filosofia de Dewey recebe influência de Hegel e da interpretação do Contra-Iluminismo romântico. Sua longa carreira filosófica pode ser vista como uma tentativa de interpretar e se apropriar desses modos conflitantes da modernidade. Como eu tentei mostrar em outro lugar, suas construções filosóficas cruciais seguem o padrão de sua teoria da investigação, combinando elementos do Iluminismo científicos com o Contra-Iluminismo e os temas hegelianos".

filosófica segue o caminho mais radical e sedutor do neopragmatismo, ou seja, o pós-modernismo. Assim, Rorty também atrai para si as tropas de desencantados: a geração dos portadores de diploma de educação superior na América, para quem o fervor dos anos de 1960 já havia há muito se esgotado. Segundo Lavine (1995, p. 48) a negatividade mal-humorada de Rorty exerce um grande apelo sobre essas tropas, cujo resíduo de negatividade encontra expressão no tédio rortiano em relação ao liberalismo convencional e na fútil busca rortiana pelo mundo encantado da vida privada.

No drama edipiano de Freud, o filho, depois de atacar o pai, aceita e internaliza as regras desse último. Assim também faz Rorty. Depois de atacar Dewey, reconhece ser ele mesmo um bom pragmata deweyano. Mas Rorty aceita as regras de seu pai filósofo por meio da redescrição das mesmas. Ele, filho edipiano, conta aos outros filhos, ou seja, aos filósofos deweyanos, o que o pai realmente disse, ou o que ele de fato quis dizer, ou o que ele deveria ter dito. Esse constitui o último deslocamento do pai pelo filho edipiano: a redescrição do Dewey pai de acordo com o que ele quis dizer enquanto filósofo se torna aquilo que Rorty acaba de dizer. Mas a filosofia do Dewey pai sobrevive como um compromisso moral de interpretar e resolver situações problemáticas no horizonte dos modos científico e democrático da Modernidade (LAVINE, 1995, p. 49).

Rorty por James Gouinlock

Na caracterização de Rorty, o Dewey “bom” é antirrealista, anti-metafísico, antimétodo, dentre outras coisas. O Dewey “mau” é o autor de *Experience and Nature*, (“Experiência e natureza”) seu principal trabalho metafísico.

Em sua tese principal, Rorty afirma que o conhecimento objetivo é impossível. Rorty nos assegura que estamos enganados ao supor que podemos usar a realidade para testar nossas ideias. Estamos enganados ao supor que as ideias são sobre aquilo que realmente existe. Não comparamos uma descrição com o objeto que ela descreve, mas somente

com outra descrição. Não existe, conforme Rorty, um critério neutro para afirmar que uma descrição é melhor que outra. Não podemos fazer distinções quanto à validade cognitiva da ciência, da filosofia, da poesia, da religião, da teologia e da fé nas Sagradas Escrituras. Todas essas áreas são gêneros literários. Em virtude disso, Rorty diz que não podemos fazer distinções entre métodos de investigação como sendo melhores ou piores. Por fim, não podemos também falar de progresso no conhecimento ou na ciência (GOUINLOCK, 1995, p. 73).

Pelo exposto, parece que Rorty está seguindo a famosa tese da incomensurabilidade de tradução, revelando seu débito principalmente a Quine e a Kuhn. Segundo essa teoria, o significado das sentenças observacionais é determinado por uma teoria. Nessa perspectiva, não é possível comparar teorias rivais por meio das respectivas sentenças observacionais, porque elas são incomensuráveis. Para Gouinlock, Rorty aceita a conclusão da impossibilidade de comparar teorias a partir das respectivas sentenças observacionais, mas recusa a premissa de que as teorias sejam incomensuráveis, que considera autocontraditória. Com isso, Rorty pensa estar livre tanto da incomensurabilidade como do relativismo, já que ambas as concepções, para ele, pressupõem que teses opostas são relativas ou incomensuráveis de acordo com algum critério. À medida que os critérios pertencem à epistemologia, a incomensurabilidade e o relativismo podem ser abandonados do mesmo modo que a epistemologia (GOUINLOCK, 1995, p. 73-74).

Rorty se compromete com a contingência da linguagem. Nessa perspectiva, os sistemas de pensamento não são mais do que metáforas literalizadas. As metáforas, como tais, só fazem sentido dentro dos *jogos de linguagem*. Com base nessa ideia, a linguagem ou um dado vocabulário são frutos da mais pura contingência da metáfora. Mas Rorty declara que isso não significa não existirem coerções sobre a investigação e a linguagem. Essas coerções são de caráter sociológico, históricos ou conversacionais. Isso leva Rorty a dizer que as supostas realizações da ciência moderna nada mais são do que resultados do triunfo de certo tipo de retórica (GOUINLOCK, 1995, p. 74).

Dewey superou a tradição, que procura estabelecer uma teoria do ser, do conhecimento, ou uma teoria da linguagem capaz de

fornecer um critério que nos permita distinguir afirmações objetivamente verdadeiras. Esse é o empreendimento do fundacionismo, que Dewey destruiu (GOUINLOCK, 1995, p. 74).

Gouinlock pergunta então a Rorty, o que dizer dessa interpretação? Na resposta de Rorty ele irá sempre atribuir alguma evidência inconveniente ao Dewey “mau”. Isso implica que de fato há dois Deweys. Mas onde encontra Rorty a evidência que faz Dewey parecer um desconstrutivista? Dewey não é claro e Rorty raramente cita textos específicos de Dewey, preferindo comentários de passagem em vez de textos documentados cuidadosamente.

Com bases nessas críticas, Gouinlock seleciona cinco fontes de incompreensão ou mal-entendidos do pensamento de Dewey desenvolvidos Rorty, dos quais o mais importante é a relação de Dewey com a tradição clássica, relação na qual a metafísica de Dewey é especialmente relevante (GOUINLOCK, 1995, p. 75).

Primeiro “mal entendido”: a questão do método. Os estudantes pré-rortyanos de Dewey ficariam atônitos ao ouvir dizer que ele foi além da questão do método, como Rorty pretende. Começando com *Studies in Logical Theory* [Estudos em Teoria Lógica], de 1903, e terminando com *Logic: The Theory of Inquiry* [Lógica: Teoria da Investigação], em 1938, vemos que ele está persistentemente preocupado com a natureza do método científico e sua aplicabilidade a todos os tipos de situações humanas. Em várias ocasiões caracterizou o método científico em detalhes. Em *The Quest for Certainty* (“A Busca pela Certeza”), por exemplo, Dewey afirma que o valor da conclusão cognitiva depende do método pelo qual foi alcançada, de modo que o aperfeiçoamento do método, da inteligência, constitui o valor supremo (GOUINLOCK, 1995, p. 73-74).

Para Rorty, o Dewey “mau” é aquele que preso ao método. Dewey, por sua vez, achava que o método não é aquilo que permite atingir a verdade final; ao contrário disso, é algo autocorretivo e progressivo. Entretanto, o Dewey “mau” rortyano está convencido de que há um método científico e que sua universalização poderia ser a salvação da raça humana.

Como suporte para sua interpretação Gouinlock cita o seguinte trecho de Dewey:

The outstanding problem of our civilization is set by the fact that common sense in its content, its "world" and methods, is a house divided against itself. It consists in part the most vital, of regulative meanings and procedures that antedate the rise of experimental science in its conclusions and methods. In another part, it is what it is because of the application of science. This cleavage marks every phase and aspect of modern life [...].

It is for this reason that it is here affirmed that the basic problem of present culture and associated living is that of effecting integration where division now exists. The problem cannot be solved apart from a unified method of attack and procedure (DEWEY, 1986 [1938], p. 84 apud GOUINLOCK, 1995, p. 76)³.

Gouinlock, não há dúvida de que Dewey é precipitado ao falar *do* método científico, mas também é claro que ele não pensa em si mesmo como estando para além do método. E Gouinlock utiliza as funções importantes do método em sua discussão a respeito da maneira pela qual Rorty procura tornar Dewey um "bom" pragmatista. Rorty é favorável à posição de Dewey em *Human Nature and Conduct* ("A Natureza Humana e a Conduta"). Ali, Dewey afirma que os elaborados sistemas da ciência nasceram não da razão, mas de impulsos a princípio débeis e vacilantes, como, p. ex., impulsos para manejar objetos, deslocar-se de um lado para outro, caçar, descobrir, misturar coisas separadas e dividir coisas combinadas, falar e ouvir. O método é a organização eficaz desses impulsos em disposições contínuas de investigação, desenvolvimento e teste. A razão, a atitude racional, é a disposição resultante. Segundo Gouinlock, Rorty caracteriza estas declarações de Dewey como expressando um movimento para "além do método" (GOUINLOCK, 1995, p. 77).

Contra Rorty, Gouinlock argumenta que é preciso considerar o contexto da discussão de Dewey, pois ele sugere uma interpretação

³ Tradução: "O problema pendente em nossa civilização é definido pelo do senso comum em seu conteúdo, 'mundo' e métodos, ser uma casa dividida contra si mesma. Ela consiste, em parte, o mais importante, de significados e procedimentos reguladores que antecedem a ascensão da ciência experimental, nas suas conclusões e métodos. A outra parte do problema é por causa da aplicação da ciência. Esta clivagem marca todas as fases e aspectos da vida moderna [...] É por esta razão que é aqui afirmo que o problema básico da cultura presente é o de efetuar a esta integração, onde agora existe divisão [...]"

diferente. O tema geral de Dewey é o lugar ocupado pela inteligência na conduta. Ele argumenta que a inteligência ou a razão não corresponde a uma faculdade original da natureza humana, mas sim a uma função do comportamento. O contexto em questão é a discussão de Dewey sobre a racionalidade como um traço do caráter, também chamada de *razoabilidade*, ou nos próprios termos de Dewey, *atitude racional* (*rational attitude*) ou *disposição* (*disposition*). A racionalidade, conforme Dewey, não é uma faculdade inerente distinta da faculdade de desejo. É uma organização particular de desejos ou, mais propriamente, de hábitos que incorporam o desejo. Não é a razão desencarnada, mas sim esses hábitos que, em seus desenvolvimentos, geram a ciência. Quando os desejos funcionam como certo complexo de hábitos, eles são metódicos ou racionais. Aqui, Dewey não diz nada sobre as propriedades formais do método, ele escreve longamente sobre as disposições que se unem para nos tornar racionais. Não há justificativa para tratar essas passagens de Dewey como um tratado contra o método científico ou como uma redução do método ao balanceamento dos desejos. Nessas passagens, Dewey está aqui preocupado com a psicologia e não com a lógica (GUINLOCK, 1995, p. 77).

Dada interpretação de Rorty, não é nenhuma surpresa encontrá-lo dizendo que Dewey quer dissolver as distinções entre a arte, a ciência e a filosofia. Se o método é um mito, então a arte e a ciência possuem o mesmo valor cognitivo. Rorty novamente se engana aqui. É verdade que Dewey ataca com frequência a suposição de que a arte e a ciência sejam coisas completamente diferentes. Elas têm em comum o fato de serem práticas humanas de reconstrução de materiais da experiência ordinária em uma nova ordem, segundo um plano mais ou menos explícito. Mas a afirmação de Dewey, de que a arte e a ciência são práticas que possuem procedimentos comuns, é uma instância de sua posição mais geral, segundo a qual as perplexidades da vida moderna exigem um método unificado. Isso não constitui uma erradicação do método, mas a sua extensão a todos os problemas de conduta. Não se trata de uma negação da inteligência disciplinada, mas uma afirmação da sua necessidade (GUINLOCK, 1995).

Segundo mal entendido: teoria da verdade como correspondência. Rorty faz referência a isso em diversas ocasiões. Talvez haja

fundamento aqui para concluir que Dewey não acredita que os objetos possam exercer coerções sobre nossas alegações de que algo é verdadeiro. Dewey diz repetidamente que as ideias não correspondem, não representam, não se referem, nem retratam uma realidade antecedente. Mas, ao dizer que ela é *antecedente*, Dewey nos mostra uma diferença drástica entre sua perspectiva e a de Rorty. Dewey faz objeções ao realismo tradicional, sobretudo à suposição desse último de que um objeto pleno do conhecimento possa existir antes da investigação. A investigação, diz ele, é iniciada apenas porque a situação é problemática de algum modo crucial. Antes da investigação, o *status* dos eventos relevantes no ambiente é intrigante ou incerto. Caso contrário, a investigação não poderia ocorrer. O próprio processo de investigação é inseparável da manipulação e organização dos eventos e sua intenção é construir o objeto pleno. Claramente, ela não é redutível à *conversação* (GUINLOCK, 1995, p. 77).

As reflexões de Dewey sobre esse tema não se limitam apenas aos procedimentos metodológicos, mas têm a ver também com a *psicologia da percepção*. Dewey argumenta que a percepção é o resultado de interações complexas do organismo com o ambiente. A fim de produzir objetos de percepção adequados às peculiaridades de uma situação problemática, deve ser empreendido algum tipo de reorientação intencional em direção às condições perturbadoras iniciais. Rorty, como muitos dos críticos de Dewey, não se deu conta desse constituinte crucial e extremamente inovador da teoria deweyana do conhecimento (GUINLOCK, 1995, p. 77).

Na mesma linha de Peirce e James, Dewey diz que as ideias não são resumos do que já ocorreu, nem intuições de essências. Ideias são antecipações do futuro. Expressas em proposições, elas são hipóteses ou previsões. Por exemplo, se o cogumelo A nos fornece certas qualidades culinárias em função do seu uso e um cogumelo B, embora semelhante, apresente grande teor tóxico, saberemos que a diferença entre ambos derivou dos traços de cada um, obtidos por meio de testes. As ideias, enquanto capazes de prever eventos, são validadas por aquilo que implicam e não por seus antecedentes ou pela comparação com algum arquétipo. Para saber a diferença entre o cogumelo nutritivo e o tóxico, não precisamos recorrer a formas platônicas, só temos de saber

qual deles nos torna muito doentes. Esse ponto de vista é, para Dewey, a teoria da correspondência verdadeira. Isso constitui o instrumentalismo de Dewey, tão familiar aos seus estudiosos. Igualmente familiar é a noção de que o significado das ideias está intimamente relacionado à ação no interior de um ambiente. Necessariamente, à medida que as respectivas propriedades dos objetos variam, nosso comportamento em relação a eles deve variar também (GUINLOCK, 1995, p. 79).

A partir desse ponto, Gouinlock irá realçar o realismo de Dewey e criticar a tentativa de Rorty de atribuir-lhe uma posição antirrealista. Inicialmente Gouinlock alega que a influência de Rorty pode ser capaz de convencer muitos estudiosos de que não há necessidade de estudar os escritos originais de Dewey em primeira mão e muito menos de investigar suas implicações para a conduta. Em virtude disso, Gouinlock discute a seguir um traço da filosofia de Dewey que se baseia no realismo desse autor e destrói a hipótese rortyana ligada ao antirrealismo (GUINLOCK, 1995, p. 79).

Gouinlock tem em mente a noção de *hábito* presente na obra *Human Nature and Conduct* ("A Natureza Humana e a Conduta"). Para Dewey é fundamental a noção de que a natureza humana é constituída por hábitos. Hábitos são formas de ação. Eles são uma função conjunta do comportamento do indivíduo e do meio ambiente. A criança manipula objetos e as características do comportamento resultante são um produto tanto das propriedades dos objetos quanto das atividades impulsivas da criança. Desse modo, a criança aprende a tratar o fogo de maneira diferente da água, gatos de maneira diferente de bolas e assim por diante. Com isso, desenvolve-se um repertório adequado de hábitos. Em termos deweyanos, ter um hábito é possuir o significado de um objeto, é ser capaz de agir com ele de maneira apropriada. Dewey considera a investigação experimental como um refinamento metódico direto dos mesmos impulsos que iniciam a formação de hábitos (GUINLOCK, 1995, p. 80).

É difícil imaginar uma teoria das ideias mais rigorosamente controlada pela natureza dos objetos do que esta. A essência platônica ou cartesiana, ao contrário, não nos dá a primeira pista de como os eventos naturais podem ser deliberadamente aproveitados e redirecionados

para os resultados desejados. Da mesma forma, uma ideia concebida como uma imagem ou um composto de sensações é impotente em nossa conduta. Uma imagem, fechada em si mesma, não tem implicações. Para justificar sua interpretação, Gouinlock cita o seguinte trecho de Dewey:

The exacting conditions imposed by nature, that have to be observed in order that work be carried through to success, are the source of all noting and recording of nature's doings. They supply the discipline that chastens exuberant fancy into respect for the operation of events, and that effects subjection of thought to a pertinent order of space and time (DEWEY, 1958, p. 121 apud GUINLOCK, 1995, p. 80)⁴.

O conhecimento, como Dewey o concebe, vem dos significados dos eventos naturais, sendo coagido por esses eventos a vida depende da sua acuidade (DEWEY, 1958, p. 121 apud GUINLOCK, 1995, p. 80). Como se vê, essa teoria naturalista não deixa margem para uma interpretação antirrealista do nosso autor.

Terceiro mal entendido: a filosofia da ciência. Sobre esse tema, Dewey fez muitas considerações interessantes que poderiam ter chamado a atenção de Rorty e convencê-lo de que Dewey é um “bom” filósofo. Para ilustrar esse fato, Gouinlock cita Dewey:

Scientific conceptions are not a revelation of prior and independent reality. They are a system of hypotheses, worked out under conditions of definite test, by means of which our intellectual and practical traffic with nature is rendered freer, more secure and more significant (DEWEY, 1958, p. 121 apud GUINLOCK, 1995, p. 80)⁵.

Observações como essa poderiam ser entendidas como uma alusão àquilo que Rorty obscuramente chama de *lidar* (*to cope*): usamos nossas ideias para “lidar” com a realidade extralinguística, não para

⁴ Tradução: “As condições rigorosas impostas pela natureza, devem ser observadas para que o trabalho seja realizado com sucesso, são a fonte de toda observando e registro de ações sobre o mundo. Essas condições fornecem a disciplina que castiga fantasia exuberante em relação à operação de eventos que afeta a sujeição de pensamento a uma ordem pertinente do espaço e do tempo”.

⁵ “Concepções científicas não são uma revelação da realidade anterior e independente. São um sistema de hipóteses, trabalhadas em condições de teste definidos, por meio do qual o nosso intercâmbio intelectual e prático com a natureza é prestado de forma mais livre, mais segura e mais significativa”.

nos referirmos a ela. Uma interpretação da passagem acima teria de recorrer à natureza particular da teoria da correspondência de Dewey, mas muito mais teria de ser acrescentado. O que conhecemos, na ciência e em outros lugares, são as potencialidades da natureza sob condições definidas. Os objetos do conhecimento decorrem da correlação entre processos distinguíveis de mudança. A pressão, por exemplo, varia de acordo com a temperatura em um volume fechado de gás. Estas mudanças específicas são deliberadamente introduzidas e controladas pelo pesquisador e o objeto de conhecimento é a correlação entre tais variações. Dewey defendia esse tipo de procedimento, enfatizando particularmente a introdução deliberada de variações. O processo de investigação não é a observação passiva de uma realidade estática, mas tem a ver com relações de mudança.

A ciência pode funcionar teleologicamente, pode introduzir mudanças a fim conseguir um resultado desejado. Nesse sentido, aumenta enormemente o nosso poder para introduzir o controle deliberado dos eventos naturais. É justamente porque o objeto de conhecimento é a correlação entre processos de mudança, que somos capazes de introduzir variações deliberadas e novidades. Podemos variar os elementos em um processo e introduzir novas condições e, assim, mudar seus resultados de uma maneira previsível. Nós não poderíamos fazê-lo se relações definidas não fossem descobertas na natureza. A natureza tem a sua “estrutura bruta das coisas”, como Dewey chamou. Nas palavras de Gouinlock (1995, p. 81): “We cannot break the Law of gravity; our lungs cannot extract oxygen from water, and we cannot grow vegetables in ice or on the desert”⁶.

Com mais conhecimentos sobre a natureza, podemos introduzir novas interações. Podemos construir máquinas voadoras e paraquedas, submarinos, estufas e sistemas de irrigação. Dewey está buscando constantemente por experimentos controlados capazes de reorganizar os processos naturais em benefício do crescimento e bem-estar humanos. É precisamente o conhecimento de relações

⁶ Tradução: “Nós não podemos quebrar a lei da gravidade, os nossos pulmões não pode extrair oxigênio da água, e não podemos cultivar legumes no gelo ou no deserto”.

extralinguísticas específicas que nos dará os meios para converter doença em saúde, privação em abundância, perigo em segurança, conflito em harmonia, frustração em crescimento, vício em virtude (GOUINLOCK, 1995, p. 82).

Quarto mal-entendidos: a filosofia da linguagem. Embora Rorty não ofereça nenhum estudo sistemático sobre a discussão de Dewey sobre o assunto, suspeita-se que esse pode ser um problema crucial. A teoria que Rorty emprega; a de *jogos de linguagem*, poderia ter alguma afinidade com algumas ideias de Dewey. A noção de linguagem como ferramenta é um conceito bastante caro a Dewey. Mas Rorty assimila a noção de linguagem como ferramenta à noção de jogo de linguagem. Ele argumenta que a analogia entre linguagem e ferramenta é boa, mas não podemos interpretá-la como sugerindo que seja possível separar a ferramenta — a linguagem — de seus usuários e perguntar por sua “adequação” para realizar nossos propósitos. Isso sugere que podemos sair da linguagem para compará-la com outra coisa.

Rorty pensa que Dewey não adotou essa suposição equivocada. De acordo com Rorty, se compreendermos Dewey, veremos que ele é receptivo à noção de que a linguagem não é um dispositivo para representar a realidade, mas a própria realidade na qual vivemos e nos movemos. Dewey também declara que a linguagem é a “mãe de todos os significados”. Eventos sem a linguagem seriam desprovidos de significado. Na verdade, sem a linguagem seríamos desprovidos de nossas mentes. O significado das palavras em qualquer sociedade é determinado pelas crenças e pelo comportamento de seus membros. Isso parece confirmar a tese de Rorty de que o vocabulário se reduz à sociologia (GOUINLOCK, 1995, p. 82).

Mas isso é enganador. Dewey afirma que a linguagem é uma função da atividade compartilhada com o meio ambiente. Os traços das coisas da natureza, como rios, árvores, peixes, pedras, madeira etc., fazem parte da vida compartilhada em uma grande quantidade de maneiras cruciais. A linguagem, argumenta Dewey, é tudo aquilo que tem sucesso na criação de uma atividade em harmonia justamente com essas coisas. As propriedades dessas últimas são condições do discurso significativo, dependendo da forma pela qual

são incorporadas à conduta em uma cultura particular. Por exemplo, uma peça cilíndrica longa de madeira, tem vários usos. Ela pode ser uma lança, uma vara de pescar, um remo, um varal para pendurar roupas e assim por diante. Em cada um desses casos, as propriedades reais do objeto são registradas na linguagem. Caso contrário, a conduta compartilhada com o objeto não teria sucesso conforme esperado (GOUINLOCK, 1995, p. 82).

Embora haja semelhanças entre o que Dewey fala sobre os usos da linguagem e a teoria dos *jogos de linguagem*, sua visão é instrumentista. Isso quer dizer que a linguagem é concebida como inseparável das propriedades de existências reais. A linguagem é uma ferramenta. Como tal, ela denota uma percepção e o reconhecimento de ligações sequenciais na natureza, ou seja, a linguagem é um elo com a natureza, não um obstáculo que se interpõe. Sua função é atestar as conexões reais.

Após a investigação, nossa experiência é mediada pela linguagem, mas mediações não são distorções, muito menos ocultações. Por exemplo, o caçador experimenta a lança como uma arma de caça, como um significado adquirido pela comunicação e pela atividade social. Mas essa mediação não é distorção, é seletividade. A afirmação *esta é uma lança* não é testada comparando o objeto em questão a uma coisa em si pré-linguística ou comparando-o à essência perfeita da “lancidade”. Nem é testada para ver se o enunciado é consistente com a linguagem em uso. Na verdade, o teste é feito quando usamos o objeto denotado como uma lança, arremessando-o. Isso constitui a realidade objetiva para Dewey (GOUINLOCK, 1995, p. 83). A afirmação *esta é uma lança* está carregada de teoria e de significado, mas esse último não esconde algum ser verdadeiro subjacente. Ao contrário, pois o fato de a experiência ser carregada de significados constitui um requisito indispensável. À medida que os apreendemos corretamente, os significados nos ajudam a funcionar efetivamente como participantes de eventos naturais (GOUINLOCK, 1995, p. 83-84).

Quinto mal entendido: da natureza do pragmatismo de Dewey e sua relação de continuidade ou superação com a tradição clássica. Numa palavra: a tentativa de Rorty de escapar da metafísica de Dewey.

Rorty vê a tradição clássica como uma série de tentativas de fornecer comensuração universal entre vocabulários e oferecer um critério de verdade que seja neutro em relação aos diversos vocabulários. Se é a isso que a tradição está reduzida, e se ela está superada, então não há muito para fazer em filosofia. Assim, Rorty conclui que é preciso desistir do método, do conhecimento, do progresso e da autoridade intelectual. Tendo em vista que Dewey declarou-se contra a tradição, atacando-o repetidamente e minando suas reivindicações, deve ser verdade que ele concorda com isso. Mas Rorty fica perplexo e desapontado ao constatar as recorrentes incursões de Dewey na elaboração de uma metafísica própria, que ele descreve como uma tentativa de fornecer uma matriz neutra e permanente para toda a investigação futura (GOUINLOCK, 1995, p. 84).

Ocorre que a avaliação que Dewey faz da tradição é muito mais complexa do que suspeita Rorty. Dewey rejeita a busca da certeza; rejeita a noção de filosofia como acima da ciência e como disciplina fundante. Mas não é apenas isso que atrai a atenção de Dewey. Ele está também preocupado com as pretensões epistemológicas da tradição, as quais consideram pouco saudáveis. Deixando de lado o dualismo cartesiano, que constitui um dos alvos favoritos de Dewey, Gouinlock passa a considerar algumas dessas pretensões epistemológicas da tradição e as respectivas críticas de Dewey.

A primeira delas está ligada à ideia de que a verdadeira natureza das coisas é inerentemente sistemática e imutável. Portanto, mudanças representam um reino inferior do ser, ou seja, a mera aparência ou mera subjetividade. Dewey rejeitou esse esquema no qual o autenticamente real é o objeto de conhecimento racional, no sentido cartesiano ou platônico. Por esse esquema, tudo que é variável, que remeta à mudança, é desconsiderado. Assim, as qualidades absorventes e variáveis que dão valor à experiência são banidas, como também o contingente, o plural, o empírico (GOUINLOCK, 1995, p. 85).

Neste sentido, se a mudança é uma característica intrínseca de todas as existências, a demanda por uma conformidade representa simplesmente uma exigência a cumprir por força dos preconceitos de determinada cultura, isenta de análise e de crítica. Para uma lógica

experimental, o que se pode assegurar é a presença de certo tipo de atividade, um processo de unificação de mudanças que Dewey chamou de *crescimento*. Da mesma forma, o ato cognitivo deve ser a determinação experimental das relações entre os acontecimentos que mudaram de tal forma que as situações de desordem e sofrimento possam ser transformadas em atividades unificadas (GOUINLOCK, 1995, p. 85).

O monismo da tradição clássica consiste na suposição de que todas as coisas estão sistematicamente interligadas, como acontece com o Absoluto do idealismo filosófico. Aqui encontramos um alvo especial para a crítica de Dewey. Ele observa que as coisas não estão todas interligadas. O nascimento de uma criança na Geórgia não tem relação com o fracasso da colheita do arroz na China. Os eventos humanamente significativos, mas independentes entre si, são características marcantes e importantes da existência natural. Entretanto, nenhum processo permanece encapsulado. Quando os eventos se cruzam, há perturbação, há perplexidade, há falha na atividade em curso. Portanto, estamos sempre combatendo o incerto, o desconhecido, o não administrável: secas, terremotos, pneus furados, os visitantes não convidados, doenças, agressões criminosas, destroços de trem e uma herança de um parente desconhecido. Essas são amostras das inúmeras ocasiões, grandes e pequenas, com as quais temos de lidar todos os dias (GOUINLOCK, 1995, p. 88-86).

No entanto, a filosofia monista não considera esses eventos, pois não fazem parte da ordem real do ser. As contingências da vida são descartadas e compreendidas como pertencentes a um nível inferior de existência. O remédio para os problemas dessa ordem inferior é, de alguma forma, obter acesso à ordem mais elevada e ajustar-se a ela. Com isso, presumivelmente se conseguirá reconhecer a irrealidade das próprias confusões e tormentos (GOUINLOCK, 1995, p. 86).

De acordo com a concepção de Dewey sobre a natureza das coisas, a tarefa genérica da inteligência é reconstruir e dirigir os processos de mudança que se fizeram problemáticos pelo aparecimento do novo ou do inesperado. Dewey trouxe grandes contribuições para nossa autocompreensão e nosso poder de ação. Essa perspectiva é bastante diferente daquela da tradição clássica. Assim, a metafísica de Dewey,

encontrada principalmente em *Experience and Nature* (“Experiência e Natureza”), é a tentativa de fornecer uma caracterização genérica do envolvimento humano com a natureza das coisas. A caracterização da natureza deve produzir um relato completo e adequado não só da ordem, mas também da mudança, da pluralidade, do contingente, dos valores da experiência de vida e do conhecimento experimental.

A metafísica de Dewey não pode ser interpretada, ao estilo de Rorty, como uma tentativa de fornecer “uma matriz permanente e neutra para a investigação futura”. Não, ela é uma tentativa de articular uma concepção da realidade de tal forma que nossa experiência efetiva se torne inteligível, de modo que possamos identificar nossos recursos e limitações, nossas oportunidades e imputabilidades em um mundo mutável e precário. Mas um mundo que também fornece respostas à investigação e à inteligência, um mundo que pode propiciar uma experiência profundamente realizadora. Em suma, a metafísica de Dewey é uma tentativa de caracterizar o contexto inclusivo da existência humana, de tal forma que possamos aprender como funcionar nele da maneira mais efetiva possível (GOUINLOCK, 1995, p. 86).

No julgamento de Gouinlock, Dewey faz isso muito bem. Se o conhecimento das características mais evidentes e das instrumentalidades da existência é de algum modo possível, vale à pena lutar por ele. Mas Rorty afirma que nada pode ser obtido nesse domínio e não parece sentir que estejamos perdendo alguma coisa.

Dewey dificilmente poderia ser simpático a essa conclusão de Rorty. Dewey tinha uma visão muito rica da vida humana em seu contexto pleno. Essa visão encerra em seu cerne a concepção de uma relação orgânica de continuidade entre o homem e os diversos processos mutáveis da natureza. Isso inclui a formulação dos poderes, coerções e consumações que essas continuidades são capazes de fornecer. No caso de Rorty, essa visão é totalmente irreconhecível, pois, para ele, a natureza é e deve ser uma cifra sem sentido. Ele parece acreditar que nosso único compromisso inteligível com a natureza é aquele do tipo que seria “subscrito” pelo fundacionismo. Em oposição a isso, Dewey identifica e articula as diversas maneiras pelas quais podemos entrar em relações bem discriminadas com o mundo natural. Involuntariamente,

mas também inexoravelmente, Rorty ameaça desfazer o trabalho de Dewey, em vez de levá-lo adiante (GOUINLOCK, 1995, p. 87).

Rorty por David Hall

Embora não compartilhe de uma crítica radical a Rorty, David Hall também considera que a interpretação rortyana da filosofia de Dewey é problemática. Tendo rejeitado Peirce e passando por James, no fim, Rorty, volta-se para o último membro do trio dos pragmatistas clássicos: John Dewey. Mesmo assim, é o Dewey jamesiano que Rorty deseja cooptar para seu novo pragmatismo. Esse esforço de cooptação deriva da influência recebida de pensadores como Richard Mckeon e dos pragmatistas linguísticos: Quine, Sellars, Goodman, Putnam e Davidson. Isso criou alguns problemas (HALL, 1994, p. 80).

Conforme David Hall, a filosofia de Dewey teria uma dimensão peirciana e outra jamesiana. A recusa que Rorty faz de Peirce o separa de um dos principais ramos do pragmatismo norte-americano. O ramo peirciano mantém uma relação crítica com a ciência e é caracterizado pelo uso dos métodos científicos e pela procura do consenso. O ramo jamesiano é mais literário do que científico, enfatizando as dimensões afetivas e volitivas da experiência humana e insistindo no reconhecimento da pluralidade das crenças e ações anteriormente a qualquer consenso (HALL, 1994, p. 71). Rorty desenvolve uma versão do pragmatismo na qual é promovida é ideia de ampla tolerância intelectual. Mas ele não cai, segundo Hall, no relativismo, pois afirma que a liberdade de desenvolver concepções alternativas não garante que todas serão igualmente viáveis como ferramentas para a resolução de problemas particulares (HALL, 1994, p. 81).

Conforme o argumento de Hall, Rorty acusa Dewey de reunir entidades linguísticas com a experiência, que é introspectiva. Este é um aspecto fundamental da tentativa de Rorty de revisar o pragmatismo clássico. Rorty considera a metafísica empírica de Dewey uma contradição nos seus termos. Ele acha que Dewey não pode servir a dois senhores. Com isso, Rorty prepara seu terreno para desenvolver o

pragmatismo linguístico. Como se vê, a fim de fazer de Dewey um filósofo somente historicista, Rorty trunca a noção de experiência (HALL, 1994, p. 83). Assim, trata a experiência nos moldes clássicos e postula a *linguagem* como paradigma, no entanto, isenta de si mesmo qualquer pretensão de fornecer o último *vocabulário* e se reconhece quebrando inteiramente com a tradição epistemológica kantiana.

David Hall (1994, p. 65-85), além de observar a inadequada substituição do conceito de *experiência* pelo de *linguagem*, assegura que Rorty não está em busca de uma nova teoria pragmatista. Para Hall, ele pretende se centralizar na cultura, incluindo todas as possibilidades humanas de descrições e redescrições da realidade, como romances e metáforas. É nesse sentido que Rorty defende que não precisamos de uma metafísica ou de teorias epistemológicas, uma vez que temos a sensibilidade necessária para construir novas possibilidades de caráter social e institucional. Assim, cabe ao filósofo o papel de conversar, mediar, facilitar, estar aberto às novas possibilidades. Hall justifica o revisionismo de Rorty como uma “licença poética” para pensar Dewey à sua maneira. Com base nisso, vê a interpretação de Rorty como uma contribuição que permite resgatar nas obras de Dewey, especialmente na sua filosofia social, um valioso recurso intelectual para nossos dias.

David Hall sugere que, para Rorty, a *linguagem* é uma noção mais adequada para referir-se à experiência histórica, holística e antifundacionista. No entanto, Dewey não poderia efetuar essa substituição, pois a *linguagem* já se constitui, na sua obra, como a principal forma de experiência a partir das relações que os organismos humanos estabelecem entre si e com o ambiente. É com base nesse naturalismo que Rorty rejeita o que chama de *elementos peirceanos* do pensamento de Dewey. Rorty observa também que as noções de *lógica*, de *método*, de *ciência* e *filosofia* na obra de Dewey são marcadas pelo pensamento de Peirce. No esforço de interpretar Dewey como historicista — uma espécie de filósofo que mereceria seu elogio —, Rorty desfigura em Dewey a sua noção de *experiência*, ignorando a reflexão desse autor sobre nossa continuidade como organismos, sobre nossas necessidades e impulsos vitais de criaturas humanas (HALL, 1994).

Dessa forma, as influências do hegelianismo e do darwinismo sofrem modificações para se adequar ao “Dewey hipotético” de Rorty. Ele interpreta Hegel por seu historicismo e não por seu idealismo, e Darwin por seu positivismo e não por seu vitalismo. Assim, Rorty cria um Dewey que transita entre os dois extremos do historicismo e do cientismo, mais do que entre o idealismo e empirismo. Para construir sua hipótese sobre Dewey, Rorty tenta extrair implicações sobre o que seria o pensamento desse autor se a *experiência* fosse substituída pela *linguagem*. Mas o fato é que Dewey está mesmo preocupado em investigar o caráter da relação entre *experiência* e *natureza* e buscar as bases metafísicas de seu pensamento. Portanto, traduzir o pensamento de Dewey numa terminologia linguística pode subverter o propósito desse filósofo em relação aos problemas que ele pretende abordar (HALL, 1994, p. 80).

Considerações finais

A interpretação que Richard Rorty faz da vertente pragmatista e, em especial da filosofia de Dewey, é revisionista. Ele oscila entre colocar Dewey ao lado de grandes nomes da tradição filosófica, como Heidegger e Wittgenstein, na condição de pensadores terapêuticos e edificantes, uma vez que desenvolvem projetos filosóficos em oposição à tradição dualista e aos esquemas do mentalismo de Descartes a Kant, e, ao mesmo tempo, entre autores tradicionais, já que, para Rorty, Dewey quer refundar a metafísica na obra *Experience and Nature* (“Experiência e Natureza”). Considerando que Rorty não aceita o naturalismo de Dewey nem seu apelo à *experiência*, sua estratégia teórica é combatida pelos críticos, principalmente sua tentativa de substituição em Dewey de experiência por *linguagem*.

Assim, nessa caracterização um tanto caricatural, o Dewey “bom” de Rorty é o filósofo edificante, o historicista comprometido com uma filosofia social e crítico do platonismo e do cartesianismo. O Dewey “mau” é o autor de *Experience and Nature* (“Experiência e Natureza”), uma obra que, segundo Rorty, nunca deveria ter sido

escrita. Sua hipótese interpretativa de Dewey parece não ser uma boa hipótese. Separar um Dewey “bom” antirrealista, antifundacionista e historicista e um Dewey “mau”, metafísico, realista e cientista não é adequado ao que pragmatista pioneiro pensou e escreveu. Dentre essas objeções estão os temas como o método científico, a filosofia da ciência, a filosofia da linguagem. Mais especificamente, os críticos estudados não concordam com a desconsideração de Rorty para com a metafísica empírica de Dewey.

Em virtude dessas análises, Dewey não pode ser classificado como um pensador antirrealista e desconstrutivista. O fato de Dewey enfrentar a tradição filosófica, opondo-se aos dualismos, à fixidez dos processos e à ideia de absolutos, não é razões para considerar que ele abandonou a investigação sobre o conhecimento. Ele não partilha da ideia de uma desconstrução filosófica ou de uma cultura pós-filosófica. Ao contrário disso, tem como meta um projeto de reconstrução da mesma. Além disso, o historicismo de Dewey está ligado a uma explicação naturalista do organismo e do ambiente em processo de interação, enquanto o historicismo de Rorty está ligado a uma radicalização dos jogos de linguagem de Wittgenstein. Dessa forma, a concepção de filosofia como gênero literário se opõe ao projeto deweyano de reconstrução filosófica, cujo modelo de investigação é de caráter científico.

Os críticos de Rorty apresentados neste artigo têm em comum a certeza de que o neopragmatista antecipa, por meio de sua leitura de Dewey, sua própria filosofia política, que proclama uma etapa sociocultural de articulação entre os diversos vocabulários do conhecimento, não aceitando a supremacia do método científico em detrimento de outros vocabulários e propondo uma “nova” etapa cultural, em que a filosofia seria apenas mais uma escritura, mais um vocabulário literalizado.

Referências

- ALEXANDER, T. M. Richard Rorty and Dewey's metaphysics of experience. *Southwest Philosophical Studies*, v. 5, p. 24-35, 1980.
- CAMPBELL, J. Rorty's use of Dewey. *Southern Journal of Philosophy*, v. 22, p. 175-287, 1984.
- DEWEY, J. Logic: the theory of inquiry. In: DEWEY, J. *Later works*. Carbondale: Southern Illinois University Press; London: Feffer & Simons, 1986. v. 12. Originalmente publicado em 1938.
- DEWEY, J. *Experience and Nature*. New York: Dover Publications, 1958.
- GOUNLOCK, J. What is legacy of instrumentalism? Rorty interpretation of Dewey. In: SAATKAMP Jr., H. J. *Rorty & pragmatism: the philosopher responds to his critics*. Nashville: Vanderbilt University Press, 1995.
- HAACK, S. Vulgar pragmatism: an unedifying prospect. In: SAATKAMP Jr., H. J. *Rorty & pragmatism: the philosopher responds to his critics*. Nashville: Vanderbilt University Press, 1995.
- HALL, D. L. *Richard Rorty: prophet and poet of the new pragmatism*. Albany: State University of New York Press, 1994.
- LAVINE, T. Z. America and contestations of modernity: Bentley, Dewey, Rorty. In: SAATKAMP Jr., H. J. *Rorty & pragmatism: the philosopher responds to his critics*. Nashville: Vanderbilt University Press, 1995.
- MALACHOWSKI, A. *Richard Rorty*. London; Thousand Oaks: Sage, 2002.
- RAMBERG, B. *Richard Rorty*. Stanford Encyclopedia of Philosophy. 2001. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/Rorty>>. Acesso em: 20 set. 2007.

RORTY, R. *Philosophy and the mirror of nature*. Princeton: Princeton University Press, 1979.

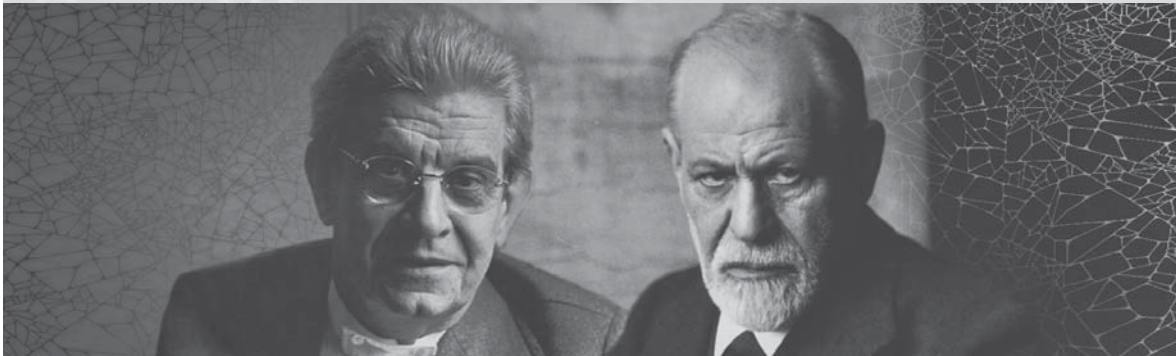
SLEEPER, R. W. *The necessity of pragmatism: John Dewey's conception of philosophy*. New Haven: Yale University Press, 1986.

Recebido: 06/05/2014

Received: 05/06/2014

Aprovado: 11/05/2014

Approved: 05/11/2014



RESENHAS